

## O CAVALO NAS MOEDAS PÚNICAS: UM ENSAIO DE INTERPRETAÇÃO

Maria Cristina Nicolau Kormikiari\*

KORMIKIARI, M.C.N. O cavalo nas moedas púnicas: um ensaio de interpretação. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 9: 111-125, 1999.

**RESUMO:** A imagem do cavalo é uma das principais representações iconográficas estampadas nas moedas emitidas por Cartago durante os três séculos nos quais a capital africana possuiu uma cunhagem própria. Apesar da aparente simplicidade da imagem, uma análise mais acurada e metodologicamente diversa da usualmente utilizada permite novas abordagens explicativas do tipo. No presente trabalho apresentamos uma leitura e uma proposta de interpretação que fogem daquela tradicionalmente utilizada.

**UNITERMOS:** Iconografia monetária – Cartago – Fenícia – Cavalo.

### Introdução

Cartago, colônia tíria no norte da África, fundada no século IX a.C., desenvolveu-se econômica e militarmente de tal maneira que, em menos de três séculos de história, se elevou à categoria de potência comercial marítima, com amplo domínio sobre as já existentes colônias fenícias do Mediterrâneo Ocidental e sobre as suas próprias, posteriormente fundadas.

Todos os traços culturais, religiosos, políticos e outros, que sejam fruto dessa influência e desse domínio, fazem parte da chamada civilização púnica, que teve esse nome derivado da definição e denominação dada pelos autores latinos para os descendentes dos fenícios no Ocidente.<sup>1</sup>

Apesar da importância que sua existência teve no desenrolar dos acontecimentos históricos da Antiguidade Clássica, Cartago nos é, ainda hoje, muito mais conhecida através da história de Roma do que da sua própria.

Se formos depender apenas das fontes textuais antigas, teremos uma visão na qual sua história fica inexoravelmente ligada ao destino de Roma, e cujo capítulo, quase que único, seria o referente às chamadas “Guerras Púnicas” (assim batizadas pelos próprios historiadores romanos). A existência desta farta documentação grega e latina aliada à tradição historiográfica e arqueológica, essencialmente europocêntrica, privilegiou durante décadas os estudos gregos e romanos em detrimento de outras civilizações que estiveram presentes e em plena atuação no Mundo Antigo.

(\*) Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Pós-Graduação em Arqueologia. Doutorado.

(1) O uso do termo cartaginês fica, então, restrito à documentação saída exclusivamente da própria metrópole, isto é, da própria Cartago, e o termo fenício, aos traços culturais

referentes ao período de colonização fenícia anterior à ascensão cartaginesa, e, posteriormente a essa, aos influxos que, esporadicamente, continuaram a chegar às colônias ocidentais diretamente da área oriental, sem a mediação de Cartago. (Moscati 1988:4).

Deste modo, uma civilização tão profundamente semítica, como foi a púnica, raramente é analisada sob este ponto de vista crucial (Szzyrmer 1991: 546). Privilegiam-se, sobremaneira, as influências estrangeiras. Tal ocorre, sem dúvida, em razão de praticamente não possuímos obras da literatura púnica como fontes diretas, apesar de os textos clássicos mencionarem imensas bibliotecas em Cartago, e de termos fragmentos de textos púnicos, traduzidos para o latim (Szzyrmer 1991:591-592).<sup>2</sup>

É necessário, no entanto, especificar que o proposto, na análise da civilização púnica, não é uma leitura da documentação material ocidental procurando inseri-la, sem critérios, na documentação oriental. Os estudiosos ligados a essa metodologia têm sempre em mente o grande distanciamento geográfico e o destino histórico diverso que acabam por contrapor e distinguir, em certa medida, Ocidente fenício/púnico e Oriente fenício. Assim, consideramos que traços culturais diferentes podem surgir tomando-se por base núcleos comuns. Duas propostas se fazem presentes no âmbito da irradiação cultural, seja ela do Oriente para o Ocidente, ou o contrário: a) processos de redução e de esaurimento de componentes culturais ao longo da passagem do Oriente para o Ocidente; b) processos de vitalização, de evolução e, no ponto limite, de inovação desses mesmos componentes (Moscati 1974:5).

A historiografia clássica, grega e latina, é duplamente parcial: em relação à escolha das descrições e dos relatos que traz e quando apresenta seus juízos de valores. A grande maioria dos textos que chegaram até nós são francamente favoráveis à visão grega (por exemplo, Diodoro Sículo) ou à visão romana (Políbio). Autores prócartagineses existiram, como o lacedemônio Sosilo, preceptor de Aníbal, ou Sileno e Queréas, mas suas obras não foram recuperadas, e as menções que temos delas em Políbio demonstram a parcialidade deste: “Contra tais relatos, aqueles escritos por Queréas e Sosilos, é melhor nem mencionar, de fato, eles não me parecem ter nenhuma ligação com a história, e não parecem ter um valor ou mérito maior ao que se dá para histórias de barbeiro ou tagarelices de comadres!” (Políbio, livro III, 20.5).<sup>3</sup>

(2) Como são os exemplos do “Tratado de agricultura de Magon” e da inscrição de Aníbal na Macedônia, selando seu acordo com Filipe V.

(3) Apesar da facultada seriedade deste autor e de sua importância como testemunha ocular de vários dos fatos por ele

No entanto, os dados que os historiadores e autores gregos e latinos nos transmitiram sobre a história externa e interna de Cartago representam praticamente a única fonte textual antiga que possuímos diretamente mencionando a cidade africana. Necessitamos deles, mas sempre tendo em mente que qualquer análise tem que ser feita com o máximo de cuidado e rigor.

As fontes escritas diretas disponíveis são todas de caráter epigráfico. São mais de 6000 inscrições púnicas, gravadas em materiais duros (pedra, metal, marfim, osso e cerâmica). Apesar de serem repetitivas, em virtude do seu caráter majoritariamente religioso, são fonte preciosa de informação, especialmente para a onomástica e com referência à história interna, cotidiana de Cartago e das outras cidades fenício-púnicas.<sup>4</sup> A elas precisamos aliar o conhecimento apreendido a partir da documentação material, esta sim ricamente distribuída nas diversas categorias da pesquisa histórica em particular e das Ciências Humanas em geral (religião, desenvolvimento sócio-político e econômico, urbanização, artes, etc.) e mais precisamente, como elementos comparativos, precisamos fazer uso do conhecimento que temos sobre a civilização fenícia no Oriente, incluindo Chipre e os semitas do noroeste, a começar por Ugarit.<sup>5</sup>

Dentro desta proposta de análise, a produção monetária púnica nos é particularmente útil. A moeda como documento é um instrumento de conhecimento econômico, político, cultural e religioso.

---

narrados, não podemos esquecer que ele foi “sempre amigo dos romanos, firmemente persuadido da superioridade deles....., ele não pôde evitar, quando se trata de Cartago e dos púnicos, ser parcial”. (Szzyrmer 1991: 547).

(4) Possuímos, além das inscrições votivas: inscrições funerárias; tarifas sacrificiais, editadas pelos magistrados ligados ao culto; textos relativos a testamentos; outros comemorando uma nova construção religiosa ou uma obra de utilidade pública etc. Todas as inscrições púnicas estão compiladas nos volumes do *Corpus Inscriptionum Semiticarum* (CIS), editado pela Académie des Inscriptions et Belles-Lettres, a partir de 1881. (Szzyrmer 1991: 548).

(5) Os inúmeros textos em escrita cuneiforme de Ras Shamra, fonte primordial da civilização semítica, e os dados que puderem ser extraídos a respeito da organização sócio-política e cultural das cidades fenícias, em particular Tiro (admitindo-se as informações clássicas que a apontam como cidade-mãe de Cartago), representam, então, modelos comparativos essenciais contra possíveis distorções vindas dos relatos clássicos.

Apesar de ser invenção grega, sua adoção por povos não gregos não significa falta de força e personalidade culturais, e sim, uma adequação sócio-política a uma situação generalizada por toda a Bacia do Mediterrâneo. No caso específico de Cartago, sabemos que o uso de uma cunhagem própria, a partir do final do século V a.C., está relacionado às suas atividades político-militares na Sicília e, dentro de um quadro maior, ao seu processo expansionístico, iniciado na metade do século VII a.C. com a fundação de sua primeira colônia na ilha de Ibiza, na proximidade da costa espanhola (Moscati 1986:13).

Cartago adota a cunhagem menos de um século após as cidades fenícias do Oriente. Até então, o comércio destas cidades-estados havia se desenvolvido sem maiores problemas, baseado em trocas e no uso do metal não cunhado como medida de valor (Jidejian s/d: 12).

Com a moeda temos a adoção de um objeto, e muito mais do que isso, de um modelo de relacionamento político e econômico grego, caracterizado pela padronização e pela abstração final do pensamento econômico; mas temos, também, a adoção de um sistema de promoção e de afirmação políticas, através do uso propagandístico de imagens e legendas específicas no campo do moeda, que, apesar de originado em ambiente helênico e levado à quintessência do desenvolvimento pelos romanos, é utilizado com subsídios culturais e religiosos próprios pelos diferentes povos que adotam uma economia monetarizada ao longo de suas histórias.

Cartago não é exceção a esse quadro. Ou seja, a iconografia monetária púnica, incluindo-se aí imagem e epigrafia, é uma importante fonte de conhecimento sócio-cultural e religioso também. Novamente salientamos, então, a premência de essa análise ser feita tendo-se em perspectiva o que foi exposto acima, isto é, a especificidade de uma civilização que, localizada no ocidente mediterrânico, é fruto de uma cultura oriental, a semítica.<sup>6</sup>

(6) Fazemos nossas as palavras do renomado numismata e arqueólogo Enrico Acquaro (1975: 98-99), em seu artigo "Problematica e prospettive degli studi di numismatica punica", quando salienta o perigo de se procurar encontrar a todo custo representações culturais e religiosas orientais, e mais especificamente fenícias, nas representações de suas colônias ocidentais, sem se seguir os passos traçados acima. Entretanto, de maneira análoga, o inverso também é válido, ou seja, a tentativa de restringir uma cultura de caráter

Dentro deste quadro, nos propomos a apresentar uma análise particular de uma iconografia monetária púnica. A imagística monetária costuma ser extremamente rica. Mais uma vez, Cartago não é exceção à regra. No entanto, sabemos não ser possível analisar de maneira completa um imaginário sócio-político e religioso que se espalha ao longo de mais de 250 anos de História, uma vez que Cartago continuou a emitir moedas até os últimos anos antes de sua destruição em 146 a.C. Assim, escolhemos um modelo imagístico específico, as representações do cavalo na cunhagem púnica emitida em suas oficinas sicilianas, sardas e africanas. Estas representações podem ser consideradas como emblemáticas, dentro do quadro de propaganda política cartaginesa.

### **Sobre a representação do cavalo no Mundo Grego**

Uma pequena pesquisa dentro do universo monetário antigo nos revela que o cavalo foi uma das imagens utilizadas, como tipo monetário, com certa assiduidade por diversas cidades e reinos, tanto do Ocidente quanto do Oriente e ao longo de vários séculos de História.

Entretanto, os exemplos mais comuns referem-se a imagens nas quais o cavalo não é o tipo principal, e sim coadjuvante de uma cena específica, a da corrida de carros,<sup>7</sup> na qual quadrigas e bigas são comumente utilizadas. As principais cidades e reinos a emitirem moedas com esse tipo foram, ao longo do século V a.C.: Siracusa, Gela, Himera, Selinonte, Catânia, Camarina, Acragas e Tarento. Isto é, todas cidades da Magna Grécia. A maioria, da Sicília, seguiu a iconografia monetária da cidade

oriental, como a púnica, a uma cópia de modelos culturais gregos e, posteriormente, helenísticos, sem uma cuidadosa análise que leve em conta aspectos evolutivos e comparativos, provavelmente é fonte de muitos erros de interpretação.

(7) Para um detalhamento deste tipo iconográfico específico ver: Kormikiari, M.C. "A imagística dos Jogos nas moedas do Mundo Antigo", artigo apresentado no Encontro Acadêmico *Jogos e Espetáculos no Mundo Antigo*, Museu de Arqueologia e Etnologia – USP e Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos 24-26/6/1996. As atas do Encontro estão no prelo.

líder politicamente no período, Siracusa.<sup>8</sup> Do século IV a.C., temos Filipe II da Macedônia, Cirene, Sídon.<sup>9</sup>

Por outro lado, o cavalo como tipo iconográfico principal aparece em poucos exemplares, como nas seguintes peças: Siracusa, início século IV a.C., cavalo livre, empinando,<sup>10</sup> Nektanebo II, metade do século IV a.C., cavalo galopando;<sup>11</sup> Antíoco I, segundo quarto do século III a.C., cabeça de cavalo com chifres;<sup>12</sup> Larissa, início século IV a.C., cavalo com rédeas, livre.<sup>13</sup>

Afora esses exemplos, temos outros nos quais o cavalo aparece como suporte do tipo principal, que são cavaleiros ou divindades, como os Dióscuros, cavalgando. Assim, temos: Gela, século V a.C., cavaleiro com lança; Alexandre I, início do século V a.C., o rei armado com lança, guiando cavalo avançando um passo; Potidaia, século VI a.C., Posidão Hípios cavalgando; Eritréia, final do século V a.C., cavaleiro, cavalo empinando; Filipe II da Macedônia, metade do século IV a.C., jovem cavaleiro sobre cavalo dando passo; Gela, século V a.C., cavaleiro, cavalo dando passo e cavaleiro armado atacando hoplita; Tarento, final do século IV a.C., Dióscuros cavalgando; Tarento, metade do século IV a.C., cavaleiro armado, cavalo sendo atendido por ajudante; Demétrio Poliorcete, início século III a.C., o rei a cavalo,

galopando; Hierão II de Siracusa, segunda metade do século III a.C., cavaleiro armado; Antíoco VI, segunda metade do século II a.C., Dióscuros cavalgando; Eucrátide, metade do século II a.C., Dióscuros cavalgando.<sup>14</sup>

O que pode ser concluído desse rápido levantamento são os seguintes pontos: a) ausência quase que total de representações de cavalos das cidades fenícias, com exceção do exemplar de Sídon; b) pequeno uso do cavalo como tipo principal, isolado, na moeda. Nesses casos, há uma contemporaneidade com o início da cunhagem púnica.

Deste modo, em razão da originalidade do tipo,<sup>15</sup> fato que pode ser confirmado pelos dados apresentados acima, e graças ao seu extenso uso nas moedas púnicas, como demonstraremos a seguir, concluímos que os motivos para a escolha desta imagem específica têm que ser procurados dentro da própria História de Cartago.

### Sobre a cunhagem púnica

Atualmente, os numismatas que trabalham com a civilização púnica não costumam entrar em desacordo ao relacionar os motivos iniciais que levaram Cartago a começar a bater moedas. Motivações políticas e econômicas, relacionadas ao processo expansionístico cartaginês na Sicília, estão por trás dos primeiros aspectos iconográficos e ponderais da cunhagem cartaginesa. Assim, ao começar a emitir moedas, na última década do século V a.C., Cartago o faz para custear suas ações militares na Sicília, que é justamente o palco de emissão e de circulação inicial dessas peças.

O início das intervenções militares cartaginesas na Sicília é muito anterior. A primeira ação teria ocorrido, segundo Justino (XVIII; 7; 2 e 7), em c. 555

(8) Do mesmo modo que Cartago irá fazer com suas moedas *rsmlqrt* ("os eleitos de Melqart"), assim denominadas a partir da legenda que trazem. Estas peças foram cunhadas da metade do século IV até c. 305 a.C. em uma oficina siciliota (provavelmente no templo de Melqart na ilha, ainda não localizado) e copiam a iconografia das moedas de Siracusa: cab. de divindade feminina rodeada por golfinhos/quadrige, às vezes, coroada pela Niké. Trata-se da segunda emissão cartaginesa na ilha. Entretanto, não são elas o nosso foco de interesse no momento. Para uma bibliografia sobre esta série ver: Manfredi 1991: 16; Jenkins 1971: 53; Acquaro 1971: 25-30.

(9) As peças em questão foram compiladas da obra em (Jenkins 1972). Filipe da Macedônia, n.232, p.111; Cirene, ns. 310, 312, 314, p.132; Sídon, n.333, p.140; Siracusa, ns. 355, 357, 362, 389, 393, 394, 397, 399, 402, 419, 420, 438, 440, 604, 637, pp.155-156, 163, 165-166, 177, 180, 255, 264; Gela, ns. 372, 436, pp.158, 180; Himera, n.374, p.159; Selinonte, n.378, p.163; Catânia, ns. 382, 422, pp.163 e 178; Camarina, n. 428, p.178; Acragas, n. 435, p.178; Tarento, n. 442, p.189.

(10) Jenkins 1972: n. 352, p.150.

(11) idem: n. 559, p.214.

(12) ibidem: n.572, p.241.

(13) ibidem: n.271, p.121.

(14) As referências destas peças são (Jenkins 1972): Gela, n. 144, p.171; Alexandre I, n. 107, p.56; Potidaia, n. 90, p. 53; Eritréia, n. 23, p. 31; Filipe II, n. 279, p. 123; Gela, ns. 344 e 383, pp. 150 e 163; Tarento, ns. 444, 494, 493, pp. 189, 206; Demétrio Poliocerte, n. 519, p.214; Hierão, n. 596, p.249; Antíoco VI, n. 659, p. 275; Eucrátide, n. 621, p. 258.

(15) Os celtas também utilizaram de maneira muito original a imagem do cavalo em suas moedas. No entanto, esta cunhagem é posterior à púnica e situa-se no contexto do Império Romano.

a.C., quando um certo general Malco<sup>16</sup> invade a ilha. A esta seguem-se várias outras, culminando com a grande derrota cartaginesa de 480 a.C., em Himera. Após este fato, somente em torno de 410 a.C., passado mais de meio século da última tentativa, é que a capital africana irá intervir novamente com força total na ilha.<sup>17</sup> Neste momento, os exércitos cartagineses são híbridos, sendo compostos tanto por cidadãos como por mercenários. Não sabemos, nos detalhes, quais as motivações sócio-políticas que levam Cartago a suspender, a partir de 340 a.C., a ida de cidadãos para operações além-mar.<sup>18</sup> O fato é que, deste momento em diante, apenas os comandantes são obrigatoriamente cartagineses, o que vai levar a um extraordinário aumento do uso de tropas mercenárias. Estas tropas, como já mencionamos acima, precisam ser pagas. Assim, Cartago, uma cidade que vivia do comércio há séculos, vai finalmente passar a emitir seu próprio numerário. Quando o faz, como veremos, ela coloca em circulação, primeiramente na Sicília, depois em todas as regiões de seu domínio, incluindo a capital, uma maciça quantidade de dinheiro. Na Sicília, altera o contexto existente até então e dá origem a um novo regime no qual os maiores expoentes são a própria Cartago e Siracusa.

Quando Cartago decide entrar economicamente na ilha, defronta-se com uma circulação monetária evoluída e baseada em uma tradição já consolidada.

A primeira emissão cartaginesa, datada de 410-390 a.C. (Jenkins 1974: 25-26), está constituída por peças de prata que trazem, no anverso, a parte anterior de um cavalo coroadado pela Niké, com legenda *qrthdst* (“cidade nova”); e no reverso, uma palmeira e a legenda *mhnt* ou *mmhnt* (literalmente “o campo” mas entendida como “exército de ocupação” – Mildenberg 1989: 6-8).<sup>19</sup>

(16) A respeito da problemática em torno do nome Malco e sobre a veracidade deste tipo de relato, ver Moscati 1986.

(17) O conflito de 416 a.C. entre Segesta e Selinonte fez com que em 410 a.C. Cartago intervenha na Sicília. Esta guerra terminou só em 396 a.C. Cartago precisou pagar seus mercenários e cunhou, então, peças que claramente se referiam à situação militar que as originou.

(18) Os historiadores modernos costumam atribuir essa mudança à terrível derrota cartaginesa na batalha de Crimiso, na qual, segundo as fontes escritas, 3000 jovens da aristocracia cartaginesa teriam morrido. (Acquaro 1987: 55).

(19) Há uma controvérsia quanto à oficina monetária desta série. A favor de Cartago ver Jenkins 1972; a favor da Sicília ver Jenkins & Lewis 1963: 18 e Mildenberg 1989.

Poucos anos após essa série, ao longo da primeira metade do século IV a.C., Cartago já está batendo peças de bronze anepígrafas na Sicília. Estas peças trazem vários exemplos do cavalo, objeto principal de nosso presente estudo: cavalo galopando; empinando; parado em pé, em frente de uma palmeira.<sup>20</sup> O anverso destas séries traz sempre a imagem da cabeça feminina rodeada, por vezes, por dois grãos, ou tendo o cabelo enfeitado por um grão de trigo, o que a caracteriza como Coré.<sup>21</sup>

Estas moedas anepígrafas inserem-se em uma tradição grega de cunhagem em bronze que já existia há mais de um século (Manfredi 1991: 23).

Na Sicília, o bronze cunhado é utilizado, desde o início, como meio de troca local, com valor convencional, e não vai ser interrompida a utilização do metal não cunhado nas transações. Este meio de troca (de metal não cunhado) é, por sua conta, muito antigo, anterior, e continuará a ser utilizado como base do comércio indígena nas zonas interioranas da ilha. Entretanto, tanto nas áreas tradicionais de influência cartaginesa (parte ocidental) e de influência siracusana (parte oriental), o bronze cunhado é largamente utilizado nas transações cotidianas.

Até a metade do século IV a.C. (Acquaro 1989: 71, 74-75), Cartago vai emitir tanto em suas oficinas da Sicília quanto de Cartago<sup>22</sup> peças com as seguintes imagens: prótomo de cavalo/palmeira; prótomo de cavalo/prótomo de cavalo com arreios; cavalo galopando, coroadado pela Niké, com guirlanda e caduceu/palmeira; e a já consagrada cabeça de Coré rodeada por golfinhos/quadrígua coroadada pela Niké, legenda *rsmlqrt* (“eleitos de Melqart”).<sup>23</sup>

(20) Para discussões sobre cronologia e localização de oficinas, com apresentação de bibliografia sobre o assunto, ver: Kormikiari 1994: 76-78; 83-84 e 93-95.

(21) A historiografia moderna, baseando-se nas fontes textuais gregas, notadamente Diodoro Sículo, admite para o início do século IV a.C. a adoção dos cultos de Deméter e Coré em Cartago (Picard 1981: 189). A recorrente tentativa de associar esta imagem à deusa Tanit, do panteão púnico, tem esbarrado na falta de iconografia ou de textos diretos relativos ao seu culto. Entretanto, esta assimilação não pode ser descartada, visto que ao contrário do que anteriormente se imaginava, Tanit não está ausente do panteão religioso fenício e, portanto, novas descobertas e pesquisas podem elucidar se temos aqui um caso de vitalização e inovação de um componente já existente.

(22) Mesmo sendo cunhadas em Cartago, o objetivo principal ainda era a paga dos exércitos mercenários na Sicília.

(23) Conforme visto à nota 8.

A partir da metade do século IV a.C. (Acquaro 1989: 39, 77-83), novas emissões de prata entram em circulação na Sicília. Todas têm como tipo principal de anverso a cabeça feminina de Coré. Esta figura aparece eventualmente rodeada por golfinhos (seguindo, assim, a iconografia das moedas de Siracusa) mas, na maioria das vezes, os golfinhos são substituídos por grãos de trigo (como ocorre com as peças de bronze mencionadas acima). Já o reverso traz o cavalo nas mais variadas posições, sempre em frente de uma palmeira: dando passo (com ou sem símbolos e marcas como letras púnicas e o caduceu; por vezes, o cavalo aparece coroado pela Niké); parado, em pé, com um crescente lunar acima do quadril; empinando; trotando; e galopando (ns. 1 e 3).

O período em questão, século V e IV a.C., é aquele em que os estudiosos vêem uma grande modificação histórica em Cartago que irá permitir que ela se torne força dominante no Mediterrâneo Ocidental. Esta modificação está centrada na reorganização política e econômica que a metrópole faz no território africano: utilização mais racional dos recursos africanos e de outros que ali chegavam vindos do resto do Ocidente púnico (Moscati 1986: 30-31). A riqueza que Cartago possui, então, pode ser medida pela produção monetária que apresentamos acima. No entanto, como já mencionamos, essas moedas estavam sendo batidas visando, no

plano econômico, a manutenção de seus exércitos, cada vez mais compostos por mercenários, no exterior. O que não significa que em Cartago propriamente dita moedas não estivessem sendo emitidas. De fato, na metade do século IV a.C., a oficina monetária de Cartago encontra-se funcionando sistematicamente. Ela produz peças em ouro e eletro (Acquaro 1989: 83-84) que também têm como iconografia o cavalo. Assim, temos dois tipos: o primeiro traz no anverso a cabeça de Coré com grão enfeitando o penteado e, no reverso, o cavalo parado em pé e, o segundo, traz no anverso a palmeira e, no reverso, o prótomo de cavalo.

Em 320 a.C. e até o final deste século, novas emissões em prata trazendo o cavalo são batidas na Sicília (Manfredi 1991: 19 e Acquaro 1989: 85, 89-97): cabeça de Coré rodeada por golfinhos, no anverso, e prótomo de cavalo, atrás da crina, palmeira com frutos, embaixo legenda *'mmhnt* ("o povo do campo"), no reverso; o mesmo tipo descrito acima mas com legenda *s' mmhnt* ("pertencente ao povo do campo"); e, por vezes, novamente o mesmo tipo com letra púnica no lugar da legenda (ns. 4 e 7).

Datada de 300 a.C. (Jenkins 1978: 5), uma nova emissão traz uma novidade iconográfica no anverso, a cabeça de Hércules/Melqart coberta pela pele de leão. No reverso repete-se o tipo apresentado acima, mas com legendas diferentes: prótomo de cavalo, atrás da crina, palmeira, embaixo legen-



1 – Tetradracma de prata – Oficina da Sicília – c. 350-340 a.C. – 16,09 g (Acquaro 1989: 39 n.19) (x 2,8).



3 – *Tetradracma de prata – Oficina da Sicília – c. 350-340 a.C. – 17,05 g (Acquaro 1989: 82 n.104) (x 2,7).*

da *mhsbm*<sup>24</sup> ou *ˊmhmht* – por vezes com símbolos como o de Tanit; caduceu; maçã, etc. – (Acquaro 1989: 40, 97-105) (n. 9).

Estas peças com Hércules seguem, estilisticamente, a cunhagem de Alexandre o Grande. Foram batidas apenas nas oficinas sicilianas.<sup>25</sup> Na área fenício-púnica a figura de Hércules foi associada à divindade Melqart. Este foi o grande deus de Tiro e o patrono de sua expansão marítima. Os templos de Melqart encontram-se espalhados pelas várias áreas colonizadas pelos tírios.<sup>26</sup> No panteão fenício-púnico, Melqart, como Hércules, também realiza uma série de feitos legendários, relacionados com suas viagens (Hours-Miédan 1982: 53).

O momento histórico no qual essas moedas se inserem é aquele caracterizado pela volta das hostilidades entre púnicos e gregos. Após a morte de Dião de Siracusa, no poder durante poucos meses, segue-

se um período de anarquia que favorece a hegemonia cartaginesa na ilha. Em 345 a.C., Hécetas, para opor-se a Dionísio II, que havia retomado o poder em Siracusa, pede a ajuda de Corinto, que envia uma frota sob o comando de Timoleonte.

Hécetas, temeroso das conseqüências de seu gesto, pede ajuda a Cartago, que manda para a Sicília o melhor de seu exército, representado no corpo escolhido entre os cidadãos, a famosa “companhia sacra” (Manfredi 1991: 18-20).

Esta intervenção também acaba mal, e um tratado de paz é feito, mas já em 317 a.C. é quebrado. Agátocles, novo tirano de Siracusa, decide desembarcar em território africano, em 310 a.C., mas é derrotado e tem que voltar. Já em 306 a.C., um novo tratado de paz é estipulado (Acquaro 1987: 56).

A cunhagem de uma série militar com a legenda *ˊmmhnt* (o povo do campo) é, portanto, justificada e não parece ser casual que seja contemporânea à oficina de *rsˊmlqrt*. O templo siciliano de Melqart, possível oficina da série *rsˊmlqrt*, cuja comunidade deveria possuir um status não diferente daquele do “povo do campo”<sup>27</sup> isto é, autonomia

(24) A leitura da legenda vem sendo interpretada como indicando os magistrados encarregados de pagar as tropas, uma espécie de questores romanos. Uma nova leitura tende a definir o termo como “contadores”, “controladores financeiros” (Manfredi 1991: 22).

(25) Em Cartago, nesse mesmo período continua-se a cunhagem das séries com Coré.

(26) Sobre a importância dos templos na expansão marítima fenícia, ver: Acquaro 1978: 187-189.

(27) Isto é, permissão da metrópole para emitir e, porque não, escolher os tipos iconográficos a serem utilizados. Esta última questão é um ponto que continua em aberto.



4 – Tetradracma de prata – Oficina da Sicília – c. 320-306 a.C. – 17,10 g (Acquaro 1989: 87 n.128) (x 2,7).



7 – Tetradracma de prata – Oficina da Sicília – c. 320-306 a.C. – 17,10 g (Acquaro 1989: 85 n.121) (x 2,6).

para cunhar, deve ter sido também a oficina da série 'mmhnt. Esta comunidade estaria habilitada de forma institucional e organizacional para emitir moedas

em nome de Cartago, em momentos bélicos (Tusa Cutroni 1983: 38).

Por outro lado, a nova iconografia com Hércules/Melqart é interpretada normalmente como uma retomada da tradição tíria, já que, como visto acima, Melqart é a divindade protetora de Tiro. Posteriormente, essa retomada será ligada ao desenrolar político da família Barca (Acquaro 1983-1984: 86-85), cujos membros dominarão o cenário político militar cartaginês durante quase meio século, sendo seu maior expoente o general Aníbal. Os barcidas têm sua trajetória político-militar interpretada por muitos como se tivesse sido uma “revolução gerencial” levada a Cartago, por meio de sua ação na Península Ibérica, que se contrapôs à antiga aristocracia dominante da cidade africana (Szyner 1991: 566-567 e Acquaro 1983-1984: 86-85). No plano numismático, para muitos autores é indicada a consolidação do poder cartaginês na Sicília. De fato, após a morte de Agátocles, a tentativa de Hécetas de atacar os territórios púnicos é veementemente rechaçada (Manfredi 1991: 22).

Deste modo, fica caracterizado que é sempre para esse templo que Cartago se volta nos momentos mais decisivos de suas ações na Sicília. As legendas *rs<sup>v</sup>mlqrt* e *r<sup>s</sup>v<sup>v</sup>mlqrt* caracterizam o investimento em uma instituição extra-cidadã na ilha (as antigas colônias fenícias da Sicília possu-



9 – *Tetradracma* de prata – Oficina da Sicília – c.300 a.C. – 16,90g (Acquaro 1989: 98 n.201) (x 2,5).

íam estruturas administrativas diversas, independentes de Cartago). Já as séries seguintes (*'mmhnt*), dão exemplo da utilização do “povo” cartaginês do exército,<sup>28</sup> em uma oficina. Em razão da importância dessas emissões para os eventos político-militares de Cartago, o governo da cidade africana não podia deixar nas mãos de entidades cívicas já existentes na Sicília tal cunhagem, que tinha que ultrapassar seus limites territoriais.

Do início do século III a.C. até o limiar da Iª Guerra Púnica, em 264 a.C., Cartago introduz uma nova série de bronze na Sicília, que traz no anverso a palmeira e, no reverso, o prótomo de cavalo (Acquaro 1989: 40; 105-107). Este tipo será amplamente utilizado nas emissões púnicas da ilha vizinha, a Sardenha, que se iniciam nesse mesmo período mas que avançam até o final da disputa, em 241 a.C. Da Sardenha também, e nesse mesmo período, temos a série cabeça de Coré, no anverso, e o cavalo parado em pé, com letras púnicas como símbolos secundários, no reverso (Acquaro 1989: 41, 43, 107-110, 113-114).

(28) Isto é, os comandantes como representantes desse povo, já que o grosso do exército era composto por mercenários.

Ainda durante o primeiro confronto com os romanos, temos a prova do empenho econômico determinado por Cartago com as emissões em prata e eletro (Acquaro 1989: 44, 116),<sup>29</sup> batidas na oficina da capital africana. Novamente temos a cabeça de Coré como tipo principal de anverso e o cavalo como tipo principal de reverso. Nessas peças ele aparece sempre parado, mas com algumas diferenças entre as séries: olhando para trás, com palmeira atrás do quadril, com ou sem estrela no alto; parado (com números diferentes de pequenos glóbulos como marcas de cunhagem); parado em frente de uma palmeira; e parado com estrela de seis raios no alto (Acquaro 1989: 111-113) (ns. 2 e 8).

Continuando a sua produção monetária e apesar de ter perdido o território siciliota e o sardo, Cartago emite, da metade até o final do século II a.C., em sua oficina, peças em bronze, ouro e eletro repetindo a imagística até aqui apresentada. No anverso, temos sempre a cabeça de Coré e, no reverso: cavalo parado, em cima, disco solar com *uraeus cobra*; cavalo parado; cavalo dando passo, olhando para trás, com ou sem letras púnicas embaixo da barriga (Acquaro 1989: 44-45, 114, 117-119) (ns. 5 e 6).

O último século de existência de Cartago vê, como já mencionado, a ascensão do poder barcida na Península Ibérica, que leva a cidade africana à IIª Guerra Púnica e à retomada momentânea de alguns territórios siciliotas. A cunhagem púnica da Península Ibérica não traz o tipo do cavalo, que é o que nos concerne aqui. Entretanto, Aníbal vai bater moedas tanto na Sicília quanto na Itália com o tipo do cavalo. Da oficina dos exércitos púnicos na Itália e na Sicília, no final do século III a.C., temos peças em bronze e em prata (Acquaro 1989: 46, 121-123) que trazem uma miscelânea dos tipos apresentados até agora e também algumas novidades. Para as peças com anverso composto pela cabeça de Coré, temos como reverso: cavalo parado em frente de uma palmeira; prótomo de cavalo; cavalo parado com disco solar com *uraeus cobra* no alto. As novidades figurativas de anverso são a cabeça masculina imberbe, com cavalo galopando, rodeado por coroa de folhas, letra púnica embaixo da barriga, no reverso; e a cabeça feminina velada no anverso,

(29) Algumas dessas peças, como as de prata com cavalo parado em frente a uma palmeira, avançam até 221 a.C.



2 – Didracma de prata – Oficina de Cartago – início do século III a.C. – 7,57 g (Acquaro 1989: 41 n.27) (x 3,4).



8 – Eletro – Oficina de Cartago – c.310-290 a.C. – 7,45 g (Acquaro 1989: 93 n.164) (x 3,7).

peças em bilhão (Acquaro 1989: 124) que trazem mais uma vez a cabeça de Coré no anverso e o cavalo parado, olhando para trás e com a pata dianteira direita levantada no reverso.

### Ensaio de interpretação

Como pudemos visualizar pelos dados apresentados acima, o motivo iconográfico do cavalo, juntamente com a palmeira e a cabeça feminina (na maioria das vezes lida como Coré), é a imagem mais utilizada na cunhagem púnica ao longo de toda sua história monetária, isto é, do final do século V a.C., quando inicia sua cunhagem, até a sua destruição final, nas mãos dos romanos, em 146 a.C. Ao contrário da palmeira e da deusa, no entanto, o cavalo aparece sempre como tipo principal do reverso.<sup>30</sup>

Em uma rápida recapitulação, vimos que ele é representado de variadas formas: por inteiro, onde pode estar parado, galopando, empinando,

com cavalo galopando, ramo de palmeira e letras púnicas embaixo da barriga, no reverso, ou com cavalo galopando com coroa e letras púnicas no alto.

Perdida a IIª Guerra Púnica, Cartago ainda emite, no século II a.C., antes da destruição de 146 a.C.,

(30) Foram excluídos de nossa compilação alguns tipos, como a cabeça feminina velada, que na cunhagem púnica não aparece acompanhada do cavalo no reverso, e sim, do leão, mas que faz parte de emissões pontuais; e também não foi efetuado um maior detalhamento dos tipos secundários, apenas mencionados.



5 – 1 estatér e meio de ouro – Oficina de Cartago – c.270-260 a.C. – 12,48 g (Jenkins 1972: 268 n. 640) (x 2,9).

6 – Estatér de eletro – Oficina de Cartago – c.260-240 a.C. – 10,88 g (Jenkins 1972: 268 n.639) (x 3,2).

com a cabeça voltada para trás e/ou dando um passo com uma das patas dianteiras; e apenas a cabeça/prótomo do animal, neste caso, na maioria das vezes, dentro da mesma concepção estética que rege a representação das cabeças humanas (vide ns. 4 e 7).

De uma maneira geral, e em consequência do problema apontado anteriormente, isto é, da análise de uma documentação com origem oriental sendo feita unicamente baseada em dados greco-latinos (cf. nota 8), a interpretação mais comum desta imagem utiliza, como base de estudo, o relato lendário da fundação de Cartago, que nos foi apresentada pela historiografia greco-latina. Justino (XVIII, V, 15-16) é a fonte textual que registra o relato mais completo: “Ao se cavar, então, nos fala ele, encontramos uma cabeça de boi; foi um presságio de terra fértil, mas de uma cidade trabalhadeira e sem descanso de escravos. Assim, eles levam a cidade para um outro local. Lá, fazemos também uma descoberta, a de uma cabeça de cavalo, significando um povo guerreiro e poderoso: sobre esse auspício a cidade foi fundada”

A partir da idéia de poder e beligerância trazida pela imagem do cavalo que o texto revela, acreditou-se, então, que este animal havia sido es-

colhido como símbolo da cidade e por isso teria sido tão empregado na iconografia monetária (Jenkins & Lewis 1963: 12).

Apesar de esta interpretação ser defendida por pesquisadores tão conceituados quanto Kenneth Jenkins, por muitos anos curador chefe do setor de numismática do Museu Britânico, ela vai contra nossa proposta de análise geral da civilização púnica, apresentada na introdução desse trabalho. Mais uma vez não se trata de, forçosamente, inverter a ordem das coisas, mas sim, de procurar nas fontes, não esquecendo as semíticas, pistas que possam apontar novos caminhos ou confirmar os já traçados e aceitos. O numismata Jean Bayet, em seu artigo “L’Omen du cheval” (Bayet 1941), procura demonstrar o caminho inverso. Isto é, os relatos greco-latinos teriam se inspirado na imagística monetária púnica para incluir na descrição da lenda a cabeça de cavalo significando força guerreira.

Seu estudo é feito a partir da análise iconográfica das moedas púnicas que trazem como figura de reverso o cavalo, que arrolamos acima, e também, com base em um trecho da Eneida, de Virgílio (441-445), no qual uma determinada frase – *caput acris equi* – é interpretada por ele como “cavalo prestes a morder” (Bayet 1941: 176). Bayet faz menção especial

dos desenhos das cabeças de cavalo, que aparecem especialmente em algumas das emissões dos tetradracmas, e que mostram o animal em “movimento”, prestes a morder (ns. 4 e 7). Esta mesma ação é detectada, também, desde os primeiros bronzes púnicos anepígrafos, datados da metade do século IV a.C., que têm como figura de reverso cavalos “livres”, ou seja, empinando ou galopando (n. 3). Por outro lado, as moedas cunhadas nas oficinas de Cartago trazem sempre o cavalo por inteiro (jamais apenas a cabeça) e quase nunca em movimento. No entanto, quando o fazem, novamente vemos o cavalo em posição ameaçadora, como nas peças em que ele, por inteiro, aparece com a cabeça voltada para trás, muitas vezes dando um passo, como se estivesse pronto a atacar (n. 5).

Se analisarmos as oficinas de cunhagem das peças acima mencionadas, veremos que a maioria foi emitida na Sicília, inseridas no contexto de disputa territorial e paga dos mercenários dos exércitos cartagineses. Seria valendo-se delas – primeiras moedas batidas por Cartago – que a figura do cavalo, como tipo monetário púnico, adquire seu significado.

Particularmente os retratos dos cavalos em algumas destas moedas, sempre em 3/4 de perfil e em movimento – arreganhando os dentes –, só tiveram sua execução possível a partir da “evolução” nas técnicas da escultura que ocorre no período helenístico; período de datação destas peças século-púnicas em especial.

Ao incluir em nossa análise as legendas que estes tetradracmas trazem, significando os locais de cunhagem (“campo/exército”) e quem as emite (“as pessoas do acampamento militar/os eleitos de Melqart/os controladores financeiros”),<sup>31</sup> fica definido o caráter militar e o contexto específico de emissão destas peças. Ao aliarmos o contexto de emissão com a leitura dos textos mencionados acima e com a análise das próprias imagens do cavalo, a idéia de uma intenção, por parte de Cartago, de transmitir simbolicamente seu poder guerreiro, e portanto, sua alta capacidade de se sair vitoriosa nos embates, dificilmente pode ser negada. Em algumas destas representações, os reversos trazem como tipo secundário pequenas Nikés que coram os cavalos (n. 1).

(31) Respectivamente, MHNT e ‘MMHNT e MHSBM. Para maiores informações acerca da epigrafia monetária púnica, ver Acquaro 1974.

Ao lado da palmeira, árvore encontrada no norte da África, o cavalo sempre foi considerado como o tipo monetário representativo de Cartago nas moedas da capital africana, em contraponto à figura da deusa feminina, desenhada com os mesmos traços das moedas gregas de Siracusa. No entanto, baseado apenas nos dados acima, será possível ir além e considerar o cavalo como verdadeiro símbolo de Cartago, de maneira análoga à coruja de Atenas, por exemplo?

De modo geral, esse ponto é assumido pela maioria dos numismatas que tratam do assunto. O interessante da posição de Bayet é a argumentação que ele apresenta: o cavalo foi escolhido como símbolo de Cartago, para passar a imagem de cidade guerreira e vitoriosa no seus contatos com os gregos, e foi uma escolha tão bem sucedida, como pode ser visto pelas imagens da iconografia monetária, que a lenda em torno da fundação de Cartago surgiu tomando-se por base essas imagens, e não o contrário, como normalmente se considera.

Assim, Timeu, que morre em Siracusa em c.260 a.C., e é a fonte de Justino, teria pego o relato local para escrever sua obra. Retomando, a história bélica da cidade africana, o imaginário dos cavalos furiosos nos reversos (tanto apenas a cabeça como também por inteiro) teria levado o mundo greco-romano à concepção greco-latina do cavalo como símbolo de fundação de Cartago, presságio do caráter conquistador da colônia fenícia.

Apesar de partir de um texto latino, a Eneida, Bayet segue a teoria de pesquisa traçada por Sznycer, e que apresentamos no início de nosso texto, muito antes de este a ter levantado como necessária para o bom entendimento da história cartaginesa. Assim, ele volta-se para o Oriente, à procura de elementos que possam subsidiar a escolha do cavalo por parte dos cartagineses.<sup>32</sup>

Entendendo-se, pois, o cavalo como tipo escolhido para passar uma mensagem específica, de força e beligerância da cidade, algumas hipóteses para as origens do tipo foram levantadas por Bayet.

(32) Nos exércitos cartagineses a habilidade da cavalaria nômada, isto é, de um povo estrangeiro que servia a Cartago, era não só famosa mas também muito temida. No entanto, ele entra em ação apenas a partir da Iª Guerra Púnica. Ou seja, muito após o cavalo ter surgido como tipo monetário principal na cunhagem púnica.

Uma das mais utilizadas (Ferron 1961: 41 e Trell 1984: 121) apresenta o cavalo como elemento essencial de um culto solar, culto este difundido no mundo semítico. A divindade Sêd é identificada como o deus-solar de Tiro e de Cartago. De fato, uma variedade de símbolos solares, de tempos em tempos, entram na composição iconográfica das moedas púnicas. Deste modo, assim como a coruja de Atenas é um dos atributos de Atena, patrona da cidade grega, o cavalo seria um dos atributos de Sêd. Esta teoria seria reforçada pelo uso concomitante, em algumas emissões, dos símbolos do culto solar mencionados acima, já que, à falta de textos que mencionem esta ligação, somente nos resta a própria iconografia monetária emitida por Cartago em suas oficinas. Estas moedas trazem, como vimos, glóbulos radiados por *uraeus cobra* (que são protetores das divindades egípcias) ou um disco solar com longos raios, ou ainda uma pequena estrela ou um crescente lunar em frente ao cavalo, este com a cabeça voltada para trás, ou então, junto à cabeça do cavalo (ns. 2 e 6). A estrela poderia representar a estrela da manhã, em contraposição ao sol, assim, o cavalo seria o símbolo desse sol, representando o deus solar.

No entanto, este tipo de ligação apresenta alguns problemas. Primeiramente, não é a cabeça de Sêd que aparece nos aversos das moedas cartaginesas. A própria identificação desse deus como patrono da cidade, ou mesmo como divindade de relevo, não é confirmada. É verdade que alguns autores, entre eles o renomado Stéphane Gsell, acreditam que Sêd e Baal-Hammon, divindade a quem a imensa maioria das inscrições votivas cartaginesas são dedicadas, são equivalentes (Bayet 1941: 182-183). Entretanto, o próprio Baal-Hammon não pode ser considerado o patrono de Cartago. Nas próprias inscrições em que é nomeado, ele aparece em segundo lugar, após a referência à deusa Tanit Pene Baal, que seria seu par. Assim, apesar de ser uma teoria interessante, os dados arqueológicos e epigráficos de Cartago não a confirmam.

Mantendo-se na análise do Oriente, Bayet apresenta, também, a possibilidade de o cavalo ter sido adotado com base em um conceito de força, ferocidade e rapidez que este animal possui entre os povos orientais (semitas, assírios e filisteus). Através da análise do texto bíblico é possível recuperar a importância do cavalo para as populações semíticas. Ele teria um caráter de força, rapidez e ardor nos combates (Cheyne & Sutherland 1901, *apud* Bayet 1941: 182).

Assim, temos o cavalo de guerra dos assírios e dos filisteus (Livro de Jó, XXXIX, 18, 26 = com os dentes arreganhados e as narinas abertas). Contudo, Bayet afirma preferir uma explicação que busque identificar, em primeira instância, a adoção do tipo do cavalo entre os cartagineses a partir do viés religioso (Bayet 1941: 184).<sup>33</sup>

No entanto, a teoria que liga o cavalo à imagem de força guerreira, no meu entender, é a que mais se adequa às questões que foram aqui apresentadas. Portanto, apesar da importância da religião na antiguidade, à falta de dados materiais que comprovem com firmeza uma ligação entre o cavalo e os tipos secundários do sol, estrela etc.,<sup>34</sup> este animal, que não aparece comumente na iconografia geral púnica, deve ser visto como uma imagem simbolizante da força de Cartago, e até, podemos aventar a hipótese de ele ter sido escolhido para representar a cidade africana perante os outros povos com os quais manteve contato, na maioria das vezes, belicosos. Assim, é possível supor que tenha ocorrido uma revitalização de um aspecto cultural específico oriental que, em termos evolutivos, alcançou a posição de símbolo de um estado perante os povos greco-romanos.

Desta maneira, apesar de estarmos, quando do início da cunhagem púnica, às portas do período helenístico, e da evolução na escolha dos tipos monetários que irão passar, gradativamente, não mais a representar as *póleis* e sim os indivíduos governantes dos grandes estados que serão formados,<sup>35</sup> ainda devemos analisar o tipo do cavalo dentro do contexto do período clássico, quando a iconografia mo-

(33) Ele apresenta, sem demonstrar claramente, outras divindades que poderiam ter o cavalo como um de seus atributos: Posidão e Ártemis. No entanto, estas divindades não foram cultuadas em Cartago, pelo menos não encontramos dados arqueológicos que corroborem tal afirmação.

(34) É mais aceitável a ligação deste símbolos com Tanit, em especial quando eles aparecem juntamente, nas moedas, com o chamado "signo de Tanit" um desenho esquemático da figura humana que aparece, arqueologicamente, em contextos relacionados a essa deusa. Assim, a figura de Coré teria se assimilado a Tanit, em Cartago, e daí o seu uso nas moedas, onde, estilisticamente temos a cabeça feminina de Coré como tipo principal de averso.

(35) Com respeito ao desenvolvimento de uma mentalidade individualista durante o período helenístico ver Pollit 1986: 7-10.

netária foi usada na afirmação política da autonomia da cidade-estado. Por outro lado, não devemos menosprezar a força dessa evolução que se anuncia já no início do século IV a.C., e que os próprios cartagineses vão assimilar ao reproduzirem o tipo monetário com a figura de Hércules que aparece pela primeira vez na cunhagem de Alexandre o Grande, ou ao imprimir as imagens do prótomo de cavalo em 3/4. Ou seja, a sagacidade cartaginesa e o seu pleno entendimento das possibilidades de uso propagandístico da cunhagem não podem ser negados. Eles vão cunhar utilizando-se de imagens gregas (Coré e Hércules) aliadas a outras, orientais e africanas: o próprio cavalo como símbolo cartaginês máximo, mas também a palmeira e os pequenos símbolos religiosos, entre outros. Além disso, temos aliadas a essas imagens legendas em púnico que, mesmo que não inteligíveis para a população grega da Sicília, representam uma marca cultural muito forte, de um povo que se nega a esquecer seu passado oriental.<sup>36</sup>

dístico da cunhagem não podem ser negados. Eles vão cunhar utilizando-se de imagens gregas (Coré e Hércules) aliadas a outras, orientais e africanas: o próprio cavalo como símbolo cartaginês máximo, mas também a palmeira e os pequenos símbolos religiosos, entre outros. Além disso, temos aliadas a essas imagens legendas em púnico que, mesmo que não inteligíveis para a população grega da Sicília, representam uma marca cultural muito forte, de um povo que se nega a esquecer seu passado oriental.<sup>36</sup>

KORMIKIARI, M.C.N. The horse in Punic coins: an essay of interpretation. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 9: 111-125, 1999.

**ABSTRACT:** The image of the horse is one of the main iconographic representations printed in the coins issued by Carthage through the three centuries in which the North-African capital possessed its own coinage. Despite the apparent simplicity of the image, a more accurate analysis, methodologically different from the one usually employed, allows new explicative approaches of the type. In this work we present a reading and an interpretation proposal which escape the ones traditionally used.

**UNITERMS:** Monetary iconography – Carthage – Phoenicia – Horse.

(36) Pode-se argumentar que as moedas púnicas não entraram ativamente em circulação nas cidades gregas. De fato, a circulação monetária dessas peças na Sicília concentra-se na parte ocidental, isto é, púnica da ilha. No entanto, também são encontradas em cidades sicilianas gregas como Selinonte, Himera, Agrigento, Morgantina e Siracusa, demonstrando que não foram excluídas desse meio.

### Referências bibliográficas

- ACQUARO, E.  
1971 Sulla lettura di un tipo monetale punico. *Rivista Italiana di Numismatica*, 19: 25-30.  
1974 Note di epigrafia monetale púnica I. *Rivista Italiana di Numismatica*, 22, série V, LXXVI: 77-82.  
1975 Problematica e prospettive degli studi di numismatica púnica. *NAC Quaderni Ticinesi*, IV: 97-100.  
1983/ Su I 'ritrati barcidi' delle monete púniche. *Rivista Storica dell'Antichità*, XIII-XIV, Bologna: 86-85.  
1987 *Cartagine: un impero sul Mediterraneo*. Roma: Club del libro Fratelli Melita, Archeologia, 7, 2ª ed.  
1988 Il tempio nella precolonizzazione fenicia. *Momenti precoloniale nel Mediterraneo Antico*. Roma: 187-189.
- ACQUARO, E. (Org.)  
1989 *Monete Púniche nelle Collezioni Italiane*, parte I e II, Bollettino di Numismatica. Roma: Istituto Poligrafico e Zecca dello Stato, Libreria dello Stato, Monografia 6.1.
- BAYET, J.  
1941 L'Omen du cheval. *Revue des Études Latines*, XIX: 166-197.
- CHEYNE, T.K.; SUTHERLAND, J.  
1901 *Encyclopaedia Biblica*, II, Londres, v. cavalo (apud Bayet, 1941:181)
- FERRON, J.  
1961 Le caractère solaire du dieu de Carthage. *Africa*, I.
- HOURS-MIÉDAN, M.  
1982 *Carthage*. Paris.
- JENKINS, G. K.  
1971 Coins of Punic Sicily. *Revue Suisse de Numismatique*, parte I, 50.  
1972 *Ancient Greek Coins*. Londres: Barie & Jenkins.  
1974 Coins of Punic Sicily. *Revue Suisse de Numismatique*, parte II, 53.  
1978 Coins of Punic Sicily. *Revue Suisse de Numismatique*, parte IV, 57.
- JENKINS, G.K.; LEWIS, R.B.  
1963 Carthaginian Gold and Electrum Coins. *Revue Suisse de Numismatique*, publicação especial n.2, Londres.
- JIDEJIAN, N.  
s/d Lebanon, its Gods, Legends and Myths. Illustrated by Coins. Lebanon: Imprimerie Catholique sal Araya, Bank Audi-USA.
- KORMIKIARI, M.C.  
1994 *Moedas púnicas no Mediterrâneo ocidental: o processo de aculturação*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, FFLCH, USP.
- MANFREDI, L.I. et alii  
1991 *Le monete púniche in Italia*. Roma, Libreria dello Stato.
- MILDENBERG, L.  
1989 Punic Coinage on the Eve of the First War against Rome. A Reconsideration. *Punic Wars, OLA 33*, Louvain.
- MOSCATI, S.  
1974 Interazioni culturali nel mondo fenicio. *Rivista di Studi Fenici*, 2: 1-9.  
1988 Fenicio o púnico o cartaginese. *Rivista di Studi Fenici*, XVI: 3-13.
- MOSCATI, S.; BONDÌ, S.F.  
1986 *Italia Púnica*. Milão: Rusconi.
- PICARD, C.  
1981 Demeter et Kore à Carthage – Problèmes d'Iconographie. *Kokalos*, 28-29.
- POLÍBIO  
1971 *Histoires*, livre III, tradução de Jules de Foucault. Paris: Les Belles Lettres.
- POLLIT, J.J.  
1986 *Art in the Hellenistic Age*. Cambridge: Cambridge University Press.
- SZNYCER, M.  
1991 Carthage et la civilisation púnique. C. Nicolet (Org.) *Rome et la conquête méditerranéenne*. Vol. 2. Genèse d'un empire, Nouvelle Clío, l'histoire et ses problèmes, Paris: PUF.
- TRELL, B.  
1984 The Coins of the Phoenician World – East and West. *Ancient Coins of the Graeco-Roman World, The Nickle Numismatics Papers*.
- TUSA CUTRONI, A.  
1983 Recenti soluzioni e nuovi problemi sulla monetazione púnica della Sicilia. *Rivista di Studi Fenici*, XI: 37-42.

Recebido para publicação em 15 de dezembro de 1999.